



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9027 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT13 - Educação Fundamental

Nas trilhas com Robin Hood: sobre liberdade, presença e cuidado na educação

Clarissa de Arruda Nicolaiewsky - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO -
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Nas trilhas com Robin Hood: sobre liberdade, presença e cuidado na educação

No presente texto proponho pensar a liberdade, a presença e o cuidado no encontro com o outro como elementos educativos a partir do que é provocado em mim nas experiências de um menino do primeiro ano que escolhe Robin Hood como seu nome para a pesquisa de observação participante realizada em uma escola municipal de Duque de Caxias. Robin Hood cotidianamente resiste ao que lhe é solicitado. O menino chega à escola vestindo uma armadura. Protege-se, esquiva-se. Para os que habitam a escola, é difícil compreendê-lo. A cada encontro com ele, Robin Hood me inquieta, me instiga e, atravessada pela experiência, sou provocada a responder, assim como acontece com suas professoras. Seus gestos menores forçam mudanças, produzem deslocamentos docentes. A educação oferecida caminha em direção a uma educação cuidadosa, atenta e responsável. Robin Hood percebe, então, que ali há um lugar para ele, se expõe, se desarma. Na investigação realizada pude me interrogar, a partir das pistas oferecidas pelas crianças, sobre as formas como aquela comunidade propicia e acolhe respostas singulares. Lá foi possível pensar a educação – e também a própria pesquisa – como uma prática de exposição e atenção, uma prática de atender e de responder aos outros.

Palavras-chave: Presença, cuidado, liberdade, atenção, experiência

Este trabalho parte da experiência de doutoramento vivida em uma pesquisa de observação participante em uma escola municipal de Duque de Caxias na qual pude me interrogar, a partir das pistas oferecidas pelas crianças, sobre as formas como aquela comunidade propicia e acolhe respostas singulares. Tim Ingold (2018) me acompanhou neste percurso investigativo, provocando-me a pensar a educação – e também a própria pesquisa – como uma prática de exposição e atenção, uma prática de atender aos outros, que nos leva a um mundo onde podemos compartilhar da companhia das pessoas. Ao longo de 18 meses, busquei estar atenta ao caminho, ao que acontecia, ao que me tocava, pois é justamente o que nos atravessa nas experiências vividas que nos impele a agir, a participar, a responder (INGOLD, 2018). Ao apostar na observação participante, o autor destaca ser não apenas possível, mas interessante observar e participar, pois possibilita aprender com os outros e corresponder com eles, a partir de problemas reais, não para encontrar soluções, mas para

produzir questionamentos e abrir novos começos (INGOLD, 2018).

Ao partir da noção de educação democrática como processo de subjetivação que permita a “vinda ao mundo” de seres únicos, singulares, Biesta (2013) questiona o quanto é possível, em nossas escolas, uma outra comunidade, construída a partir de uma conexão-na-diferença, trazendo em si uma dimensão ética relativa à maneira como se responde à “outridade do outro” em um mundo de pluralidade e diferença. O autor (2013, p.100) questiona, ainda, como possibilitar que nos constituamos a partir da construção da *responsabilidade*, da habilidade de responder. Opõe-se, portanto, a escolas onde não há interesse pelo que as crianças e jovens pensam e sentem, onde não há espaço para a iniciativa estudantil, onde o currículo é sinônimo de conteúdos a serem transferidos, e aposta em escolas nas quais se criem situações que permitam respostas diferentes, que permitam que os estudantes encontrem sua própria voz e se tornem sujeitos (BIESTA, 2013).

No presente texto proponho pensar a liberdade, a presença e o cuidado no encontro com o outro como elementos educativos a partir do que é provocado em mim nas experiências escolares de um menino do primeiro ano que escolhe Robin Hood como seu nome para a pesquisa e desenha o personagem no autorretrato solicitado. Assim como o próprio Robin Hood, que rouba dos ricos para dar aos pobres, esse menino subverte as regras, age às avessas e assim ele demarca um posicionamento ético. Robin Hood cotidianamente resiste ao que lhe é solicitado: se recusa a fazer atividades, erra de propósito, escreve com letras que ocupam três linhas e sobem e descem no papel, rabisca por cima de seus desenhos. Nas sondagens, sua produção escrita resiste às classificações e coloca a equipe em questionamento. Robin Hood responde inventivamente às perguntas da professora, como quando ela passa de mesa em mesa perguntando a cada criança se já tem um lápis para realização da atividade e ele diz: “*não... tenho um invisível, mas não funciona.*”

Robin Hood chega à escola vestindo uma armadura. Protege-se, esquiva-se. Parece recear aprender, talvez por implicar em correr riscos. A cada encontro com ele, Robin Hood me inquieta, me instiga. Para os que habitam a escola, é difícil compreendê-lo. Ingold (2018) nos tranquiliza ao afirmar que se a educação diz respeito a cuidar do mundo e de seus habitantes, então não importa muito entendê-los, mas restaurar-lhes sua presença para que possamos atender e responder ao que eles têm a nos dizer.

Quando uma das professoras propôs uma atividade na qual ela dava pontos a quem acertasse as perguntas, Robin Hood foi um dos que parou de participar, afirmando explicitamente que não o faria. Ela, então, diz a ele:

- *Você tem que fazer ponto!*

Ao que ele responde:

- *Não quero!*

Em determinado momento, Robin Hood arrisca uma resposta, sem perceber que falava em tom audível. Ele e outro menino acertam e ela dá um ponto a cada um. Ele fica incomodado e poucos minutos depois se levanta, vai até ela e diz:

- *Tia, quero voltar pro zero.*

Sua fala a deixa desconcertada. Ela ri e diz para mim que ele havia dito isso porque não estava ganhando. Robin Hood fez o que eu não estava conseguindo fazer: explicitar o incômodo com esta prática. Mergulhada na experiência, aproveitei sua deixa e também me expus, tendo em vista que “do ponto de vista da experiência, o importante (...) [é] nossa

maneira de ‘ex-pormos’, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco” (LARROSA, 2002, p.25).

Robin Hood propicia um deslocamento docente (RIBEIRO, SOUZA, GUEDES, 2018) e a professora não mais pratica oferecer pontos durante as atividades. Seu gesto menor produz um desvio e a história continua de uma maneira outra. É aquele que não se encaixa, que não se *con-forma*, que expõe e mobiliza mudanças. Manning (2016) destaca que a todo o momento, em todo lugar, gestos menores são produzidos, embora geralmente passem despercebidos. Frágeis e persistentes, são a força que problematiza os padrões normativos das estruturas, que altera os ritmos, que ativa uma mudança em direção, uma mudança em qualidade (MANNING, 2016).

Robin Hood fala, não se cala. Como apontado por Ingold (2018), a criança ‘rebelde’, que não faz o que é pedido, demanda atenção, tem o que dizer e mostrar e grita para ser percebida. E o que nos cabe fazer, enquanto educadores, é nos preocuparmos, observarmos, escutarmos e respondermos. Em novembro, ao ler para ele e uma colega o enunciado de uma atividade matemática, ele me questiona:

- *Porque eu sou o único da turma que não sei ler?*

Respondo: *Você acha isso?*

- *Eu não sei ler nada.*

Sua pergunta me preocupa e me ocupa, me atravessa e preciso respondê-la. Acompanho Robin Hood em uma tarefa de desembaralhar letras correspondentes a determinadas palavras. A cada palavra montada por ele, faço algum comentário, confirmo seus saberes. Ao ir afirmando a ele seus saberes, Robin Hood surpreendentemente me responde:

- *É que eu tô libertando o meu verdadeiro eu.*

- *Quem te falou isso?*

- *Ninguém. Eu percebi agora. Eu tô libertando o verdadeiro eu e aí eu tô aprendendo a escrever.*

Em seguida, busca palavras a ele solicitadas em diferentes páginas de um livro. Ele o faz prontamente, cada vez mais feliz com suas descobertas. Quando retornamos à sala, me pede para mostrar à professora sua recém percebida habilidade de ler. Por algum motivo inexplicável – e também por um bocado de sorte – é ali, ao meu lado, que Robin Hood vai se ‘des-cobrir’. Quando respondemos as crianças, criamos possibilidades para que correspondam, cada uma a seu modo. E, correspondendo ao mundo, nos formamos e nos transformamos (INGOLD, 2018). Ingold (2018, p.27) aponta como importante elemento da educação o cuidado, que traria uma dimensão ética à atenção: “Nós cuidamos de pessoas e coisas ao darmos a elas nossa atenção plena e ao respondermos a suas necessidades. Como seres corresponsivos, a responsabilidade do cuidado é algo que recai sobre nós.”

Cotidianamente, a busca por diagnósticos, por dar nome às diferenças, se faz presente, como acontece em tantas outras escolas. Ainda assim, sua professora se mostra sensível às suas necessidades. Ela não o pressiona a voltar para a mesa toda vez que ele sai. Ela não cobra que suas letras obedeçam às linhas do caderno. Ela garante a ele um lugar para ser. Ela dá a ele tempo, “um tempo que tem a ver com o despertar, mas também, e sobretudo, com a descoberta e com a autodescoberta” e isso só é possível porque “o mestre é um artesão da

presença. Não só porque tem que estar presente mas também porque tem que produzir e responder à presença dos alunos” (LARROSA, 2018, p.192-193).

A educação oferecida caminha em direção a uma educação cuidadosa, atenta e responsável. Robin Hood percebe que ali há um lugar para ele, se expõe, se desarma. Emerge a confiança. Robin Hood abre os braços para o mundo e pode, então, responder ao que lhe atravessa (INGOLD, 2018).

Ao discutir as questões educativas presentes nas escolas públicas, Skliar (2019) afirma que a resposta estaria na palavra descuido, um descuido tanto ao fixar uma conotação negativa à diferença quanto ao acreditar que a igualdade impede e nega a diferença. Interessante o autor trazer, como complemento ao descuido, o desarraigo, termo que significa desenraizado. O desarraigo do outro é sua extirpação, seria, portanto, arrancá-lo pela raiz, impedir que o outro habite aquele lugar. A chave seria, então, lhe oferecer um lugar no mundo, lhe oferecer hospitalidade. E, assim, garantir que cada uma das crianças sejam habitantes da escola, possam participar da comunidade sem julgamentos, possam se tornar presença.

Robin Hood habita a escola e lá, em comunidade, produz-se. Ingold (2011) afirma que a produção deve ser entendida *intransitivamente*, aproximando o verbo ‘produzir’ de outros verbos intransitivos, como esperar, crescer e habitar, e o afastando de verbos transitivos como planejar, fazer e construir. Assim, coloca-se potência no processo de produção e não em seu resultado. Além disso, tal aproximação aponta para seus efeitos em quem produz. O que as práticas educativas produzem nas crianças? Quem elas vão se tornando a partir dessas experiências? Interessa pensar maneiras outras de habitar a escola para que se coloque como um lugar de se “ensinar a ler, a escrever, a conversar, a sentir, a pensar, a estar atentos ao mundo, aos outros e a nós mesmos” (LARROSA, 2018, p.419). Essa mudança em atitude exige uma atenção ao que se passa nos encontros, uma atenção a todos que habitam a escola.

Durante a escrita da tese, aprendi com Robin Hood o quanto sua descoberta fazia sentido: “*Eu tô libertando o verdadeiro eu e aí eu tô aprendendo a escrever.*” Quanto mais livre me sentia, quanto mais inteira e presente, mais fluida era a escrita, mais eu aprendia a escrever. Persegui, tanto no campo quanto na escrita, uma ciência amolecida, calcada na presença, na inteireza (INGOLD, 2018). Mais ainda, descobri, com a experiência vivida, que a liberdade, a presença e o cuidado são elementos importantes para um fazer ético tanto na pesquisa quanto na educação.

Referências

BIESTA, Gert. *Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2013.

INGOLD, Tim. *Anthropology and/as education*. London and New York: Routledge, 2018.

INGOLD, Tim. *Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição*. Belo Horizonte, MG: Vozes, 2011.

LARROSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê: Sobre o ofício do professor*. 1ª edição, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Rev. Brasileira de*

Educação, nº19, Jan/fev/mar/abr., p.20-28, 2002.

MANNING, Erin. Introduction: In a minor key. In: _____ *The minor gesture*. Duke University Press, 2016, p.12-36.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; GUEDES, Adrienne Ogêda. Infância, alteridade e formação docente: encontro com as crianças como potência de transformação. *Childhood & philosophy*, Rio de Janeiro, v.14, n.30, maio-ago, 2018, p. 261-276.

SKLIAR, Carlos. *A escuta das diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2019.